

Recife — Natanael Guedes

NOMES INDÍGENAS BRASILEIROS

Seus significados,
lendas e rituais.



MINISTÉRIO DO INTERIORE
FUNAI



Maria Isolda Cavalcanti

Dicionário orienta os brancos a usar os nomes dos índios

Funai lança dicionário

Pesquisa ensina
significado dos
nomes indígenas

RECIFE — Maira, nome feminino muito utilizado pelos brancos, significa herói, mítico ou estrangeiro na linguagem dos índios. Ari, para os que não sabem, pode ser lua ou a religião dos bororós. Muitas mulheres brancas que se chamam Guaracira não sabem que seus nomes significam talo aguçado, cortante. Alguns homens que atendem por Guaraci desconhecem que o nome significa mãe dos ventos ou sol.

Curiosidades como estas estão registradas em um pequeno dicionário que acaba de ser editado pelo Serviço de Ação Cultural da Funai em Pernambuco. O objetivo do trabalho é orientar pais que querem colocar nomes indígenas nos filhos ou pessoas que já os têm, mas não sabem a que atribuir seus significados. Normalmente a biblioteca da Funai atende uma média de dois a três pedidos por dia, feitos por curiosos interessados em descobrir o sentido de seus nomes ou mulheres grávidas que querem colher informações para homenagear os índios nos nomes de seus filhos.

"Aparece muita gente querendo esse tipo de esclarecimento e eu não tinha a menor condição de atender. Por esse motivo, resolvi dedicar-me a essa pesquisa, que durou dois anos, e representou consulta a 22 fontes bibliográficas", comenta a autora do trabalho, Maria Isolda Cavalcanti, acrescentando que a maioria dos vocábulos colhidos é de origem tupi, mas há também os de 20 outras tribos, como a xavante, ticuna, carajá, camaiurá, assurini, nambiquara ou bororó.

Preferências — O livro foi impresso com uma pequena tiragem: 1.000 exemplares, que serão colocados em livrarias da região e encaminhados a bibliotecas. Reuniu 511 vocábulos, que, segundo a autora, mostram a tendência dos índios brasileiros de colocar nomes em seus filhos de acordo com a sua vivência, com fenômenos da natureza, animais, flores e frutos, ou pela semelhança da criança com alguma coisa que faz parte de seu cotidiano. Já os brancos geralmente colocam nomes indígenas nos filhos para homenagear a raça que deu origem aos brasileiros.

"Chamei minhas filhas de Moema e Maira porque acho os nomes lindos, embora não saiba o significado. Sei apenas que têm origem indígena", justifica Maria Macedo Moreira, professora da rede oficial de ensino, mãe de duas gêmeas. "Um livro como esse da Funai é muito interessante, porque representa uma forma de contribuir para evitar que nossa cultura morra", completa. Já a socióloga Jacirema Bernardo, residente em Olinda, batizou o filho de Raoni, porque não simpatiza com as Jaqueline, Caroline e Michele. "Eu sou negra, tenho sangue índio na família e quis homenagear uma figura brasileira que representa nossos ideais de luta", explica Jacirema. Ela se referia ao cacique Raoni, da tribo txucarámãe, do Xingu, que recentemente percorreu a Europa, em companhia do roqueiro Sting, para denunciar a devastação da Amazônia. Jacirema, no entanto, não sabe que Raoni significa sexo de onça.

Equívocos — Os pais de Jacirema — João Alfredo Araújo e Josefa Araújo — quiseram chamar os quatro filhos com nomes indígenas: Jacirema, Jaci, Jacira e Jaguaré. A primeira, depois de adulta, descobriu que o seu nome nada tinha a ver com as pretensões de seus pais. Há casos curiosos, como o da doméstica Nerice Gomes da Silva, moradora do bairro do Ipsep, no Recife, que teve 21 filhos, quis chamar a todos com nomes índios, mas como seu vocabulário era pobre, terminou dando o nome de Marajoara a uma filha. "Era gente demais, e me vi obrigada a apelar para Maxuel e Madeleine", justifica. O ex-comerciante Antônio Brito Tenório chamou a filha de Bartira, que significa flor em tupi. Ao segundo filho quis dar o nome mais nacional possível, mas faltou inspiração e o menino terminou chamando-se Artur. Tenório atualmente é funcionário da Funai.

Com Luís Carlos Sintônio, chefe do Serviço de Ação Cultural da Funai, em Pernambuco, ocorreu o inverso. O primogênito tem um nome comum — Lucas — que não é indígena e que significa, segundo ele, "o iluminado". Lucas aprendeu a dizer a palavra chuva, antes mesmo de balbuciar os tradicionais "papa" e "mamã". Sintônio procurou nos livros um nome indígena que significasse chuva e chamou a sua segunda filha de Amana (em tupi). Raros são os que colocam nomes de índios, sabendo o significado.